



Muito boa tarde!

É com enorme prazer que vos dou as **boas-vindas ao 27.º Fórum da Indústria Têxtil, promovido pela ATP.**

Esta é uma **edição especial**, que assinala não só mais um momento de reflexão coletiva para o setor, mas também uma data simbólica: **os 60 anos de existência da ATP, das entidades que estiveram na sua génese.** E ainda o **dia do Profissional Têxtil, instituído pela ATP em 2018.**

A verdade é que, num tempo em que todos sentimos o peso da exigência diária, nem sempre é fácil mobilizar as pessoas para este tipo de encontros e iniciativas. Mas deveria ser o contrário. Vivemos um dos períodos mais difíceis e incertos das últimas décadas. E é precisamente nesses momentos que a reflexão coletiva e a ação associativa se tornam mais necessárias.

Ao longo desta tarde, teremos connosco um conjunto de oradores e moderadores que nos ajudarão a pensar o presente e o futuro — e também a revisitar o passado. Porque refletir sobre o futuro sem compreender o caminho que fizemos até aqui seria incompleto. Teremos, ao longo de três painéis, momentos de análise, debate e partilha de perspetivas sobre os desafios da competitividade, da política pública e das competências que a indústria precisa de atrair e desenvolver.

Hoje celebramos 60 anos de história associativa. Não da ATP propriamente dita, mas das entidades que estiveram na sua génese.

- Em 1965, nascia a APIM – Associação Portuguesa das Indústrias de Malha e Confeção.
- Em 1966, era criada a APT – Associação Portuguesa dos Têxteis e Vestuário.
- Estas associações nasceram dos antigos grémios e, em 2003, fundiram-se para dar origem à ATP.
- Em 2005, a ATP integrou também os grossistas (ANET), tornando-se a estrutura única que hoje representa toda a fileira têxtil e vestuário portuguesa.

É esta história de cooperação, compromisso e evolução que hoje celebramos.

Esta história de união, adaptação e crescimento coletivo — que começou nos antigos grémios e se consolidou na ATP moderna — mostra como o setor sempre soube reinventar-se, articular-se e caminhar em conjunto, mesmo em tempos de mudança.

Nestes 60 anos, o mundo mudou muito.



Em 1965, vivíamos num sistema internacional bipolar, dominado pela rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética. A economia global era organizada em torno de blocos fechados, com políticas protecionistas e cadeias de valor essencialmente nacionais ou regionais. Desde então, o mundo transformou-se: a descolonização, a queda do Muro de Berlim, a liberalização dos mercados, a emergência da Ásia, a revolução tecnológica, a intensificação dos fluxos de comércio, de capital e de informação mudaram radicalmente a forma como vivemos, produzimos e nos organizamos.

A criação da Organização Mundial do Comércio (OMC), em 1995, representou um novo impulso ao multilateralismo económico e à integração global. Mas nos últimos anos, essa arquitetura tem sido posta em causa: guerras comerciais, protecionismo estratégico, pandemia, conflitos armados — vivemos hoje num mundo mais instável e imprevisível, onde a incerteza deixou de ser exceção para se tornar regra.

As empresas enfrentam desafios que são simultaneamente geopolíticos, tecnológicos, climáticos e sociais.

Portugal também mudou.

Em 1965, éramos uma economia semi-industrializada, com baixos níveis de escolaridade e reduzida integração internacional. A Revolução de 1974 abriu caminho à democracia, mas foi com a adesão à Comunidade Económica Europeia, em 1986, que o país deu um salto qualitativo: modernizou infraestruturas, acedeu a financiamento europeu, qualificou pessoas e empresas, e integrou-se em redes económicas mais exigentes. A entrada no euro trouxe estabilidade monetária, mas também novos desafios de competitividade. Apesar das fragilidades que subsistem, Portugal é hoje um país mais aberto, mais competitivo e com um setor empresarial mais sofisticado do que há seis décadas.

E a Indústria Têxtil e do Vestuário também mudou.

De um setor predominantemente virado para o mercado interno, protegido por tarifas e quotas, passou a um ecossistema exportador, especializado, flexível e inovador.

Sobreviveu a momentos difíceis e respondeu com investimento em qualidade, diferenciação, sustentabilidade, inovação, rapidez de resposta, serviço e parcerias com marcas globais. Não criou ainda grandes marcas próprias com alcance internacional, é verdade, continua a ser o principal cluster industrial da região Norte, e é hoje um ativo estratégico para a economia nacional e europeia.

Hoje, **talvez mais do que nunca, o papel das associações é vital**. Não apenas para representar, mas para defender, propor, mobilizar.

Num contexto de incerteza permanente, de transições múltiplas, nenhuma empresa, por mais forte que seja, consegue enfrentar sozinha os desafios estruturais que o setor atravessa.

A ATP representa toda a fileira têxtil e vestuário portuguesa, da fição ao produto final, incluindo os grossistas. Somos a única entidade em Portugal com essa abrangência — e estamos presentes também ao nível europeu,



através da presidência da EURATEX, o que nos confere uma capacidade única de influência e de diálogo institucional.

O que fazemos não se vê apenas nos fóruns públicos ou nas declarações à imprensa. Está no trabalho técnico, muitas vezes invisível, mas vital:

- No acompanhamento da legislação europeia e nacional;
- Na defesa de políticas públicas que favoreçam a competitividade e a sustentabilidade;
- No apoio direto às empresas — seja em temas laborais, fiscais, ambientais, energéticos ou outros;
- Na promoção internacional do setor, na presença em feiras, nas missões comerciais, na captação de investimento e encomendas;
- Nos projetos de capacitação, inovação e cooperação, sustentabilidade e circularidade que desenvolvemos com os nossos parceiros nacionais e europeus;

Tudo isto acontece porque existe uma equipa especializada e dedicada. Porque há órgãos sociais com visão e compromisso. Mas também — e sobretudo — porque há empresas associadas que participam, contribuem, desafiam e mobilizam. A todos eles o nosso obrigada.

Hoje **celebramos também o Dia do Profissional Têxtil** — uma data que a ATP instituiu em 2018 para reconhecer o contributo de todas as pessoas que fazem este setor acontecer: técnicos, operários, engenheiros, designers, gestores, formadores. Pessoas que dão o seu tempo, a sua energia, o seu saber-fazer ao serviço da indústria.

Sabemos que o número de trabalhadores tem vindo a diminuir — fruto de múltiplos fatores — mas o setor ainda emprega diretamente cerca de 125 mil pessoas, uma das maiores bases de emprego industrial em Portugal. E muitas delas trabalham há mais de 10 anos na mesma empresa, o que revela estabilidade, pertença e competência.

Gostava sinceramente de ver mais profissionais aqui hoje. Sei que é sexta-feira à tarde. Mas celebramos esta data apenas uma vez por ano — e este ano fizemos um três-em-um, o Fórum, os 60 anos e o dia do Profissional Têxtil para facilitar a vida a todos. Mas valorizamos e reconhecemos quem está. A vocês também o nosso agradecimento.

A Indústria Têxtil e do Vestuário mantém a sua relevância estrutural na economia portuguesa. Com um volume de negócios de 8,4 mil milhões de euros, um VAB de 2,7 mil milhões de euros e exportações superiores a 5,7 mil milhões de euros, o setor continua a ser um dos principais pilares da indústria transformadora nacional.



Estes números ajudam a perceber a dimensão do nosso setor. Mas importa também sublinhar a sua relevância relativa — no contexto nacional e europeu:

- 8% das exportações nacionais
- 17% do emprego da indústria transformadora nacional
- 7% do volume de negócios da indústria transformadora nacional
- 7% da produção da indústria transformadora nacional

Mas os **últimos anos foram exigentes**: a procura global diminuiu, a produção e volume de negócios recuaram, os resultados líquidos caíram e o investimento produtivo encolheu — sinais claros de alerta. A estrutura produtiva mantém resiliência, mas a margem de manobra está a estreitar-se: é urgente reforçar a eficiência, o investimento e a criação de valor.

Nos primeiros quatro meses de 2025, as exportações da ITV totalizaram 1,9 mil milhões de euros, ligeiramente acima do período homólogo (+0,8%).

Por segmentos: as matérias têxteis cresceram +2,9%; Têxteis-lar e outros confeccionados, +2,3%; Vestuário, -0,7%, refletindo um abrandamento do consumo e maior concorrência externa.

Mas **exportações da China para a UE aumentaram mais de 30% no primeiro trimestre de 2025**, impulsionadas pelo fenómeno da ultrafast fashion e pelos efeitos das barreiras comerciais impostas pelos EUA, que desviaram fluxos comerciais para o mercado europeu. Este é o novo campo de batalha da competitividade: desigual, volátil e assimétrico.

Os resultados do mais **recente inquérito de atividade da ATP (junho de 2025) confirmam um cenário de elevada incerteza e prudência**.

60% das empresas indicaram que registaram uma quebra na produção e no volume de negócios no primeiro semestre, e as expectativas para o segundo semestre não são muito diferentes.

Cerca de 20% das empresas estão a considerar recorrer ao regime de layoff.

As dificuldades com impacto mais significativo são:

- a quebra de encomendas,
- o aumento dos custos laborais,
- os preços elevados da energia,
- a redução das margens de lucro
- e as dificuldades de tesouraria.

Apesar das dificuldades, há ainda talento, visão e energia nas nossas empresas para reimaginar o caminho. E este Fórum é, acima de tudo, um convite à ação.

Porque quando o setor se une e pensa em conjunto, tem mais futuro.



O futuro da nossa indústria não está escrito. Vai ser moldado pelas escolhas que fizermos: nas empresas, nas escolas, nas associações e nas instituições públicas.

Esta é uma responsabilidade coletiva. Precisamos de partilhar mais, de mobilizar mais, de discutir mais. E por isso também um apelo a todos a que participem mais da vida associativa.

Desejo a todos uma tarde de trabalho produtivo e inspirador e um agradecimento a todos os que tornaram possível a realização deste evento, desde oradores a patrocinadores e em especial à equipa da ATP que se desdobra sempre que temos esta iniciativas.

Ana Dinis

Diretora Geral da ATP

7 julho, Vila Nova de Famalicão